

## **DISLEXIA DO INTROSPECTO: UMA ABORDAGEM NEUROPSICOPEDAGÓGICA CLÍNICA COM FOCO NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA LEITURA, DO PROCESSO MOTOR DA ESCRITA E DA INTERAÇÃO SOCIAL DE UMA APRENDENTE DE SETE ANOS**

Renildo Franco da Silva<sup>1</sup>  
Thaís Helena Ellery de Alencar<sup>2</sup>  
Maria Auxiliadora Paiva Rodrigues<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este estudo analisa a dislexia e sua relação com a introspecção da criança aprendente, procurando identificar quais práticas neuropsicopedagógicas clínicas auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem da leitura, do processo motor da escrita e da interação social na escola e família. Para isso, buscou-se compreender como essas práticas auxiliam no desenvolvimento de uma criança disléxica de sete anos. De caráter qualitativo, descritivo e exploratório, a investigação teve como fonte de coleta de dados as sessões clínicas, os relatórios dos estagiários, o diário de campo e outros documentos relevantes que nortearam as análises. A colaboração teórica partiu de autores como Russo (2020), Relvas (2015), Vygotsky (2007), Piaget (1996), Luria (1986), Steiner (2000) e Montessori (1965). As análises apontaram que práticas neuropsicopedagógicas clínicas com uso de material concreto auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem da leitura, do processo motor da escrita e da interação social de crianças disléxicas.

**Palavras-chave:** Neuropsicopedagogia Clínica. Dislexia. Introspecção.

## **DYSLEXIA AND INTROSPECTION: A CLINICAL NEUROPSYCHOPEDAGOGICAL APPROACH WITH A FOCUS ON THE DEVELOPMENT OF READING, WRITING AND SOCIAL INTERACTION OF A SEVEN-YEAR-OLD CHILD**

### **ABSTRACT**

This study analyzes dyslexia and its relationship with the introspection of the child, seeking to identify which clinical neuropsychopedagogical practices help in the development of reading, writing and social interaction skills at school and family. To this end, it aimed to understand how these practices help in the development of a seven-year-old dyslexic child. Qualitative, descriptive and exploratory, the investigation used clinical sessions, intern reports, field diaries and other relevant documents that guided the analysis as a source of data collection. Theoretical collaboration came from authors such as Russo (2020), Relvas (2015), Vygotsky (2007), Piaget (1996), Luria (1986), Steiner (2000) and Montessori (1965). The analyzes showed that clinical neuropsychopedagogical practices using concrete material help in the development of reading, writing and the social interaction skills of dyslexic children.

**Keywords:** Clinical Neuropsychopedagogy. Dyslexia. Introspection.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Educação, Neuropsicopedagogo, Especialista em Gestão Escolar, Especialista em Letras Português e Literatura, Especialista em Artes/Educação, Beletrista, Pedagogo. Coordenador dos Cursos de Educação da Unijagaribe. E-mail: [renildo.franco@gmail.com](mailto:renildo.franco@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestra em Filosofia. Professora da pós-graduação da Unijagaribe. E-mail: [thatylena@yahoo.com.br](mailto:thatylena@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Professora Mestra em saúde pública. Professora da pós-graduação da Unijagaribe. E-mail: [auxiliprodrigues@gmail.com](mailto:auxiliprodrigues@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a relação entre a Neuropsicopedagogia clínica e a dislexia, pois trata da dislexia do introspecto: uma abordagem Neuropsicopedagogia clínica com foco no desenvolvimento da aprendizagem da leitura, do processo motor da escrita e da interação social de uma aprendente de sete anos. Para isso, se procurou saber quais práticas neuropsicopedagógicas clínicas auxiliam no desenvolvimento dessa criança.

Essa abordagem se justifica, por se propor a desmistificar os caminhos que levam ao reconhecimento desse transtorno, seu diagnóstico e a atuação do neuropsicopedagogo clínico no auxílio de crianças que sofrem com problemas relacionados às linguagens falada e escrita, em específico, uma menina que vem sendo vítima de exclusão dentro do próprio lar, na escola, e que sofre com a falta de interação social nesses ambientes. Nesse sentido, essa investigação se torna relevante ao cenário atual, momento em que os atores envolvidos em situações de dislexia não conseguem lidar com os processos pedagógicos e familiares, inerentes a este cenário.

O objetivo central da pesquisa, centrou-se em compreender como as práticas neuropsicopedagógicas clínicas auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem da leitura, do processo motor da escrita e da interação social de uma criança disléxica de sete anos. E, para atingir sua concretização, elencou-se os objetivos específicos, sendo eles: analisar as contribuições da neuropsicopedagogia clínica no tratamento de crianças com dislexia; investigar os efeitos da dislexia na aprendizagem da leitura, no processo motor da escrita e na interação social da menina investigada e descrever a aplicabilidade de instrumentos neuropsicopedagógicos e de jogos educativos no processo de avaliação e intervenção clínica desta aluna.

O percurso metodológico se deu através de um estudo de caso, durante o estágio clínico do curso de pós-graduação, lato sensu, em neuropsicopedagogia clínica e institucional do Centro Universitário do Vale do Jaguaribe - Unijaguaribe, em Aracati-CE, sendo de caráter qualitativo, descritivo e exploratório, tendo como fonte de coleta de dados as sessões clínicas, os relatórios dos estagiários, o diário de campo e outros documentos relevantes que nortearam as análises. A colaboração teórica partiu de muitos autores, com destaque para Russo (2020), Relvas (2015), Daehene (2012), Cosenza;Guerra (2011), além das contribuições clássicas de Vygotsky (2007), Piaget (1996), Luria (1986), Steiner (2000) e Montessori (1965).

A pesquisa está dividida em introdução, com uma abordagem breve da problemática, tema, objetivos e descrição da metodologia; seguida da discussão teórica, que apresenta um

diálogo entre autores focando na temática estudada; por conseguinte a metodologia, trazendo uma delineação mais estruturada da pesquisa, seguida da análise de um estudo de caso em que se investiga os materiais coletados, alinhados aos objetivos e problemática; finalizando com as considerações finais, em que se expõe, de forma breve e objetiva, o resultado da investigação, retomando a questão norteadora e objetivos alcançados.

## **2 AS CONTRIBUIÇÕES DA NEUROPSICOPEDAGOGIA CLÍNICA NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS COM DISLEXIA**

Por ser uma ciência nova, que visa estudar o cérebro, suas particularidades e atuação no comportamento dos seres humanos, tendo em vista sempre o processo de ensino-aprendizagem, a Neuropsicopedagogia cria um novo espaço para estabelecer relações entre outras ciências, basilares para sua existência, tais como as Neurociências, a Pedagogia e a Psicologia Cognitiva. Nesse percurso teórico-crítico, busca-se dialogar com autores que favorecem o trabalho dessa ciência com foco nos transtornos de aprendizagem. Aqui, especificamente, a dislexia.

### **2.1 Conceitualizando a Neuropsicopedagogia clínica**

Análises sobre o contexto histórico educacional mundial, permitem a percepção do enquadramento da inteligência como característica inerente a pessoas com habilidades e competências para a realização adequada de determinada tarefa, seguindo critérios de qualidade, agilidade e perfeccionismo. Esse enquadramento reforçou concepções educacionais separatistas e classificatórias na escola e na vida das crianças, contribuindo para a divulgação de ideologias rasas, fundamentadas em crenças, concepções políticas e hierárquico-capitalistas (MACIEL; NETO, 2006).

Nesse cenário, imbuído de embates sociais de uma minoria abastada contra o restante da população, estabeleceu-se um sistema educacional pensando no favorecimento contínuo de poucos sobre muitos. Por isso, de um lado era oferecida uma educação mais complexa para uns em relação a outros, tidos como incapazes de acompanhar os padrões elevados de conhecimento, por possuírem um tempo de aprendizagem mais lento.

Desse modo, passou a ser comum crianças serem taxadas como “burras”, por não conseguirem aprender tão rápido quanto outras. Esse processo de exclusão chamou a atenção de muitos estudiosos, tais como Montessori (1965), Steiner (2000), Freinet (1977), Piaget (1996), Vygotsky (2007), cujas vidas dedicaram a pensar uma educação diferente, libertadora, inclusiva, em que todos poderiam aprender e desenvolver suas capacidades.

Por um lado, a Neurociência contribui para a área clínica da Neuropsicopedagogia visando “compreender a complexidade do funcionamento cerebral e as articulações entre o cérebro e comportamento” (Op. cit., p.15). Já a Educação, segundo Russo (2015), paramenta o trabalho clínico trazendo vasta compreensão de como se desencadeia o processo de ensino e aprendizagem; ou seja, objetiva compreender a relação que o cérebro tem com a aprendizagem, reintegrando as pessoas ao meio social e escolar (SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEUROPSICOLOGIA - SBNPP - Cap. II - Art. 10).

Quanto à atuação do Neuropsicopedagogo com formação clínica, ficando delimitada sua atuação com atendimentos neuropsicopedagógicos individualizados em “*setting*” adequado, ou seja, um espaço que seja propício para a execução das atividades do profissional, seja particular, postos de saúde, terceiro setor. Ressaltando que esse atendimento deve sempre ser individualizado (Op. Cit. Cap. V - Art. 30).

## 2.2 Conceitualizando a Dislexia

Atualmente, a Associação Brasileira de Dislexia – ABD, adotou uma definição proposta veiculada pela IDA – *Internacional Dyslexia Association*, em 2022, também usada pelo NICHD – *National Institute of Child Health and Human Development*, que a apresenta a dislexia como um transtorno específico de aprendizagem, sendo de origem neurobiológica, ou seja, que implica nas funções do sistema nervoso, e que se caracteriza pela dificuldade em reconhecer de forma precisa o vocábulo, na sua decodificação e ação de soletrar.

Para essas instituições, esses entraves são resultado de uma insuficiência fonológica da linguagem, que independe de idade ou outras habilidades cognitivas. O que é reforçado por Daehene (2012), ao incluir nesse contexto as barreiras enfrentadas pelas crianças com dislexia quanto à questão fonológica e sua relação com os grafemas. Assim, a ABD apresenta alguns sinais no período pré-escolar e escolar que podem auxiliar no diagnóstico desse transtorno.

A criança com idade pré-escolar apresentará dispersão em relação às atividades para sua idade, o que tornará fraco o desenvolvimento de sua atenção, terá atraso no amadurecimento da fala, bem como da linguagem e isso tornará mais difícil a aprendizagem de rimas e canções. Outro sinal muito comum, é o fraco desenvolvimento da coordenação motora, o que implica em dificuldades na montagem de quebra-cabeças ou outros objetos simples, ainda a falta de interesse por livros impressos.

Já na idade escolar, terá dificuldades na aquisição da leitura e da escrita, sem que alguém lhe dê assistência. Os problemas com rimas e aliteração ficarão cada vez mais

constantes, bem como a falta de atenção e a dispersão. A falta da coordenação motora fina e grossa contribuirá para uma desorganização constante, o que implica em atrasos na entrega de atividades, perda de pertences, confusão ao reconhecer e nomear esquerda e direita.

Ela ainda apresentará dificuldades no manuseio de livros e objetos, vocabulário empobrecido, já que não domina bem a leitura, o que levará a uma escrita com uso de frases curtas e imaturas ou longas e sem sentido. Desse modo, não há como desvincular a dislexia como um condicionante do fracasso escolar (SILVA, 2018), que quando não percebida, de forma coerente e em parceria com outros profissionais, acaba acarretando traumas para o resto da vida.

### **2.3 A neuropsicopedagogia clínica no tratamento de crianças com dislexia**

Sendo a dislexia um transtorno de aprendizagem, entra no escopo dos fatores que prejudicam o aluno na escola, bem como implica em questões de interação social bem abrangentes que envolvem exclusão e bullying. Isso porque, a dislexia acaba reforçando várias outras dificuldades de aprendizagem, gerando “um funcionamento substancialmente abaixo do esperado, considerando a idade cronológica do sujeito e seu quociente intelectual” (SÁNCHEZ, apud RUSSO, 2020).

A neuropsicopedagogia, como uma ciência que se fundamenta em estudos das Neurociências além da Psicologia e da Educação, tem função importantíssima no tratamento de vários transtornos de aprendizagem assumindo, não um papel coadjuvante em meio a uma gama de profissionais da saúde, mas de base sólida e de enriquecimento de diagnósticos, avaliações e intervenções promissoras para o tratamento de diversos desses transtornos.

A SBNPp, no seu código de ética, capítulo V, art. 30, inciso primeiro, traz algumas considerações sobre a atuação do neuropsicopedagogo, e dentre elas, afirma que é papel dele criar “estratégias que viabilizem o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem do aluno” (p. 6), observando, avaliando e intervindo na trajetória do tratamento com o intuito de acompanhar o progresso do aprendente.

Voltando às suas bases fundamentais, ao ter como alicerce a Neurociência, visto que o “exame neuropsicológico é inseparável de exame neurológico e do exame geral” (RUSSO, 2020, p. 18), o neuropsicopedagogo deve sempre estudar “os neurônios e suas moléculas constituintes, os órgãos do sistema nervoso e suas funções específica, e também as funções cognitivas e o comportamento que são resultantes da atividade dessas estruturas” (COSENZA

& GUERRA, 2011, p. 142), o que já deverá fazer parte da grade de estudos de seu processo formativo.

Assim, é comum para esse profissional, para fazer uma imersão clínica mais acertada com crianças com dislexia, se embasar nos conceitos e estudos da Neurociência Comportamental e da Neurociência Cognitiva. Esta, atua no âmbito “do pensamento, da aprendizagem, da memória, do planejamento, do uso da linguagem (grifo nosso) [...]” e aquela, na “interação entre os sistemas que influenciam o comportamento [...]” (RELVAS, 2015, p. 24), entre outros fatores do desenvolvimento humano.

Esse percurso aproxima as práticas neuropsicopedagógicas do tratamento da dislexia. Isso porque, as ações desenvolvidas objetivam aumentar o domínio da leitura e escrita, melhorar a consciência corporal (lateralidade), trabalhar a organização espacial e temporal, o atraso da linguagem, bem como as questões afetivas.

É preciso compreender que a leitura não é algo que surge sem a aplicação de técnicas variadas de estímulo e compreensão do sistema alfabético de escrita. O que é diferente para a linguagem falada, que é inerente ao homem pela necessidade biológica de se comunicar, estabelecer relações e criar conexões uns com os outros (LURIA, 1986). Partindo desse pressuposto, é possível estabelecer técnicas que possam auxiliar no tratamento de diversos transtornos e dificuldades de aprendizagem.

### 3 METODOLOGIA

O desenho investigativo desta pesquisa, que buscou compreender as práticas neuropsicopedagógicas como auxílio no desenvolvimento da aprendizagem da leitura, do processo motor da escrita e da interação social de uma criança disléxica, centrou-se no enfoque qualitativo visando evidenciar o ambiente natural e cotidiano do sujeito investigado, e coube ao pesquisador utilizar métodos e técnicas de coletas de dados com o objetivo não apenas de analisar o material coletado mas, se fazendo meio de obtenção da informação (SAMPIERI; COLADO; LÚCIO, 2013).

Buscou-se uma representatividade fiel das pessoas e seus sentimentos, imergindo em suas crenças, percepções, como veem e compreendem a vida. Não foram aplicados instrumentos visando dados estatísticos e sim, priorizadas as percepções e a subjetividade no espaço de interação da pessoa com o mundo e com o ambiente clínico.

A pesquisa caracteriza-se como exploratória, pois buscou conhecer melhor o problema da dislexia com uma aprendente em caráter clínico, com o objetivo de desenvolver métodos a

utilizar em outros estudos, e descritiva pois se propôs a representar o mais fielmente possível os contextos socioculturais através de um estudo de caso, no Centro Universitário do Vale do Jaguaribe - Unijaguaribe, em Aracati-CE, durante sessões de estágio clínico do curso de pós-graduação *lato sensu* em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional (Op. Cit.).

Os dados foram originados a partir das fontes: o espaço de sala de aula, documentos escolares, anamnese, relatórios clínicos, observação de intervenções clínicas e análise de instrumentos de escala para avaliação aplicados, tais como: provas operatórias piagetianas: conservação de classes, conservação de massa, inclusão de classes, conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos, seriação com bastonetes; IAR - Instrumento de Avaliação do Repertório Básico para a Alfabetização; Meus progressos - Academia do Autismo; SNAP-IV - A.B.D.A - Questionário Escolar e familiar - crianças e adolescentes (levantamento de indicativos de transtornos do déficit de atenção e hiperatividade), e atividades lúdicas no processo interventivo.

Desse modo, foram utilizadas técnicas que envolveram a documentação indireta (documentos e bibliografia – caráter documental e análise de observação), de acordo com os objetivos específicos da pesquisa, como foco na resolução da pergunta norteadora da investigação.

Dos autores que contribuíram para a discussão teórica desta investigação, cabe destacar: Russo (2020), Relvas (2015), Daehene (2012), Cosenza;Guerra (2011), além das contribuições clássicas de Vygotsky (2007), Piaget (1996), Luria (1986), Steiner (2000) e Montessori (1965).

#### **4 DISLEXIA DO INTROSPECTO: UM ESTUDO DE CASO COM UMA APRENDENTE DE SETE ANOS**

Nessa sessão, será desenvolvida a análise dos resultados obtidos na investigação. Para isso, as categorias de análise estão divididas em três tópicos. O primeiro, focaliza na anamnese da aprendente, para que se estabeleça relações com as informações coletadas no decorrer da pesquisa. O segundo traz uma análise da aplicação dos instrumentais avaliativos durante os atendimentos, pelos estagiários; e o terceiro, aborda as estratégias de intervenção com foco na dislexia geradora de introspecção. Como forma de preservar a identidade dos participantes do estudo, a aluna recebeu o codinome *Flor de Lótus*, sua mãe *Flor de Lis* e seu pai *Mandacaru*. Os estagiários foram nomeados por *Estagiário A* e *Estagiário B*.



#### 4.1 Anamnese: rememorando eventos progressos para se fazer entender a condição atual da aprendente

No dia dezessete de setembro de dois mil e vinte dois, às 15 horas, no Centro Universitário Unijaguaripe, os estagiários A e B atenderam à Senhora Flor de Lis, 31 anos, do lar, para aplicar a anamnese referente à sua filha, Flor de Lótus, nascida em 07 de janeiro de 2015, 07 anos, aluna da EEF Antônio Monteiro, no bairro Pedregal em Aracati-CE, também filha do Senhor Mandacaru, 31 anos, taxista.

A queixa apresentada pela mãe, pautou-se na caracterização da filha como atípica em relação às demais, muito reclusa, desde quando começou a ter contato com pessoas o que, para ela, causou atraso na fala. Disse que só veio saber que estava grávida no ato de dar à luz, pois a bolsa estourou, e que o parto ocorreu uma semana após o ocorrido. A menina nasceu com 7 meses e ficou internada por mais três, nascida com 1,400kg e 28 centímetros. Flor de Lótus não mamou, usou mamadeira até os 8 meses, depois passou a comer alimentos pastosos e posteriormente os sólidos. Sempre apresentou dificuldades para se alimentar, trocando alimentos saudáveis por doces. Passou a dormir sozinha com 6 anos de idade, até então dormia com os pais.

Flor de Lis comentou que a cabeça de sua filha começou a se sustentar por volta dos 8/9 meses de vida. Foi sempre uma criança séria e não respondia pelo nome quando chamada. Levou a menina ao médico, achando que poderia ser diagnosticado algum problema auditivo, mas não houve qualquer confirmação. Decidiu não procurar outro acompanhamento, pois achou que era algo normal e que com o tempo ela melhoraria.

Flor de Lótus apresentava algumas dificuldades em manipular objetos, gostava mais de brincar com caixas, painéis, tampas, etc., e os brinquedos acabavam ficando de lado. Sempre utilizou a mão direita para pegar objetos. Ela fala constantemente com amigos imaginários e grita muito, passou a interagir com o pai muito tarde, pois ele trabalha muito e mal passa tempo com ela. Possui interação com uma amiga/vizinha, da mesma idade, que mora aos fundos de sua casa, gosta de brincar com massinha, correr, brincar de balanço e cantar.

Sua relação com os adultos foi sempre reclusa. Quando não consegue brincar ou se socializar em espaços como praças e parquinhos, cria esse momento em casa, sozinha. Em relação à linguagem, com 1 ano começou a falar, coisa pouca: *maman* (mamãe), *jojô* (vovô). A partir dos 3/4 anos, a família notou dificuldades na fala, como a troca de algumas letras e supressão de outras, além de problemas na pronúncia dos sons, mas não procurou ajuda por achar ser comum. A interação com a mãe veio entre 1 e 2 anos e com o pai por volta dos 7.



## 4.2 Dislexia do Introspecto: diagnóstico hipotético

Nesse tópico serão apresentados quadros com análises das sessões de avaliação com foco nas metodologias e instrumentais utilizados pelos estagiários para um diagnóstico hipotético sobre os problemas de aprendizagem da aluna investigada, relacionando os resultados com as informações apresentadas pela família durante a anamnese, seguido das estratégias de intervenção aplicadas com vistas a diminuir suas dificuldades. As análises que seguem, partem das informações apresentadas no quadro analítico 01, abaixo exposto.

**QUADRO ANALÍTICO 01**  
- **SESSÕES DE NEUROPSICOPEDAGOGIA CLÍNICA - AVALIAÇÃO -**

| CONTEXTO FAMILIAR |   | NOME  | IDADE  |
|-------------------|---|---|--|
| APRENDENTE        |   | Flor de Lótus   | 7 anos   |
| MÃE               |   | Flor de Lis   | 31 anos  |
| PAI               |   | Mandacaru   | 31 anos  |
| Sessão            | Instrumento Avaliativo \<br>Atividade ou Recurso<br>Pedagógico Concreto<br>Avaliativo   | Análise   | Problemas ligados à dislexia e à<br>introspecção   |
| 1ª                | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Passeio no parque</li> <li>- Desenho livre</li> <li>- Uso de música ambiente</li> <li>- Jogo da memória com animais</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- interação: fala e contato visual</li> <li>- expressão livre/artística</li> <li>- memória</li> </ul>                      | <ul style="list-style-type: none"> <li>- pouca interação</li> <li>- choro involuntário</li> <li>- expressão comedida</li> <li>- pouca convivência com o pai</li> <li>- forma inadequada de segurar o lápis</li> <li>- capacidade fonológica deficiente</li> <li>- pronúncia quase inaudível</li> <li>- memória boa após diversas repetições da atividade proposta</li> </ul> |
| 2ª                | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Massa de modelar</li> <li>- jogo da memória</li> <li>- Jogo dos três copos</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- coordenação motora fina</li> <li>- memória de trabalho</li> <li>- concentração</li> <li>- controle inibitório</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- não consegue trabalhar bem com partes menores da massa</li> <li>- apresenta dificuldades em realizar atividades de nível mais complexo</li> <li>- não espera sua vez durante o jogo</li> <li>- não consegue realizar atividades com mais de um objeto</li> </ul>  |

|    |  |   |   |
|----|--|---|---|
| 3ª | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Espelho - movimento</li> <li>- Provas piagetianas</li> </ul>                                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- reprodução do movimento espelhado</li> <li>- lateralidade</li> <li>- conservação de pequenos conjuntos</li> <li>- conservação de massa</li> <li>- inclusão de classes</li> <li>- seriação</li> <li>- conservação de comprimento</li> </ul>                                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- reprodução de movimentos espelhados incorreta levando em consideração direita, esquerda</li> <li>- contagem lenta</li> <li>- dificuldades para lembrar números e ordens numéricas</li> <li>- não diferencia quantidades</li> <li>- vê as cores quentes como mais pesadas que as frias</li> <li>- não reconhece a massa de um objeto facilmente</li> <li>- reconhece cores, mas não faz relação com quantidades</li> <li>- não reconhece conjuntos</li> <li>- não usa estratégias durante o jogo</li> <li>- executa o jogo de forma aleatória</li> <li>- pede foco com facilidade e se dispersa</li> <li>- confunde tamanhos</li> </ul> |
| 4ª | <ul style="list-style-type: none"> <li>- IAR - Instrumento de Avaliação do Repertório Básico de Alfabetização</li> </ul>               | <ul style="list-style-type: none"> <li>- domínio do sistema alfabético de escrita, linguagem verbal (fonológica)</li> <li>- domínio de tarefas que analisam o esquema corporal, lateralidade</li> <li>- domínio de direção, espaço, tamanho, quantidade e forma</li> <li>- domínio de discriminação visual</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- apresenta dificuldades em reconhecer: embaixo e em cima</li> <li>- não reconhece quantidades facilmente</li> <li>- erra quase todos os comandos voltados para discriminação visual</li> <li>- perde facilmente o interesse pelo jogo e se dispersa</li> </ul>  |
| 5ª | <ul style="list-style-type: none"> <li>- IAR - Instrumento de Avaliação do Repertório Básico de Alfabetização (Continuação)</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- domínio da discriminação auditiva</li> <li>- domínio da verbalização</li> <li>- domínio do poder de análise/síntese</li> <li>- domínio da coordenação motora</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- apresenta dificuldades em todos os exercícios</li> <li>- não reconhece as letras e fonemas</li> <li>- não reconhece os modelos, em especial, aqueles com letras e palavras</li> <li>- não usa estratégias para executar as tarefas, as executa de forma aleatória</li> </ul>   |
| 6ª | <ul style="list-style-type: none"> <li>- TEA - Transtorno do Espectro do Autismo - Sequência Avaliativa</li> </ul>                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- avaliação de requisitos de desenvolvimento de habilidades comunicativas, sociais, emocionais e funcionais</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- comunicação: falta de controle inibitório, foco e concentração</li> <li>- social: comunicação curta, monossilábica, dificuldades em elaborar frases simples</li> <li>- afetivo: não demonstra carinho ou qualquer afeto</li> <li>- funcionais: ao brincar, senta-se no mesmo lugar e se recusa a mudar, é dispersa e chora involuntariamente.</li> </ul>   |

|                |  |  |   |
|----------------|--|--|---|
| 7 <sup>a</sup> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tabuleiro de corrida de carrinhos com uso de dado lúdico</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- controle inibitório</li> <li>- leitura de números</li> <li>- contagem somatória</li> <li>- capacidade de compreensão</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- não reconhece e não ler os números facilmente (numa contagem de zero a dez)</li> <li>- não consegue contar em sequência (numa contagem de zero a dez)</li> <li>- não consegue compreender o jogo e suas regras facilmente</li> </ul> |
|----------------|--|--|---|

Fonte: própria

De acordo com o quadro analítico 01, na **primeira sessão**, a aprendente reagiu com surpresa, teve uma crise de choro e não quis entrar na sala. Por não haver aproximação, relacionamento de confiança já estabelecido, decidiu-se por levar a família para um passeio no parquinho da brinquedoteca da instituição - Unijaguaribe. Nesse momento, o envolvimento dos pais e da aluna começou a mudar, pois a conversa focada nas brincadeiras realizadas em casa e em outros lugares, acabou quebrando o clima tenso, abrindo margem à naturalidade das ações e falas.

Na sala de atendimento, o estagiário A pediu que todos (os pais foram convidados a ficar na sessão) desenhassem o que quisessem na folha em branco, usando giz de cera e lápis para colorir. A sala foi ambientalizada com a trilha sonora do “mundo de Bitá”, pois já se sabia do gosto musical da aluna. O desenho da menina revelou cores e formatos condizentes com um imaginário infantil fértil.

A cena estava situada em um cenário natural, com “mato”, nuvens, flores, sol e muitos corações. Os três personagens destacados, representavam a menina, o pai e a mãe. A criança e a mãe ganhavam maior destaque na imagem, já o pai estava condicionado a uma pequena parcela, em um tamanho bem menor e bem abaixo dos outros. Isso reforçou a falta da presença da figura paterna.

A segunda atividade proposta foi o jogo da memória. O jogo consistia em pares de animais com a mãe/pai e o filhote correspondente. As imagens foram misturadas sobre a mesa e foi pedido que fossem formados os pares correspondentes. A todo momento, foi requerido que falasse o nome dos animais para avaliar sua capacidade fonológica e confirmou-se a grande dificuldade com a fala. Ela conseguiu acertar a maioria, mas confundiu o nome de alguns. Não houve muita dificuldade na memorização dos lugares e das imagens, confundindo apenas um par de animais.

Percebeu-se, na **segunda sessão**, a criança já estava mais familiarizada com os estagiários, seguiu-se o trabalho com massa de modelar para a análise da coordenação motora fina. Solicitou-se a criação de qualquer objeto e foi observado que ela teve manejo com a

massa, mas apresentou dificuldades em trabalhar com pedaços menores. Após, trabalhou-se a memória com um jogo composto por um tabuleiro, palitos de picolé, círculos de EVA e cartas.

Foi explicado para ela que deveria virar a carta e reproduzi-la com os palitos e círculos de EVA. No início, rapidamente fez a representação com alguma dificuldade na organização e alinhamento dos círculos e palitos. Ao chegar a cartas mais complexas apresentou grande dificuldade na reprodução. Depois, trabalhou-se um novo jogo com foco, também, na memória e na observação, bem como a concentração e o controle inibitório.

O material utilizado foram três copos da mesma cor. Foram apresentados três objetos do cotidiano da aprendente: pregador, apontador e pincel de quadro branco. No primeiro momento, foi escolhido o pregador e colocado embaixo de um dos copos que, após embaralhados, a aluna teve que localizá-lo. Assim foi feito. Ao elevar o nível do jogo com o uso dos três objetos ela apresentou dificuldades.

Na **terceira sessão**, aplicou-se as provas piagetianas que verificariam se ela estava no nível intermediário - pré-operatório, próprio para a idade da aluna. Foi feito o teste do espelho utilizando-se a mão direita e esquerda, sem muito sucesso. Na prova da conservação de pequenos conjuntos, apresentou uma contagem lenta e dificuldade para lembrar os números e sua ordem e não conseguiu diferenciar as quantidades. Em seguida, na prova de conservação de massa, foram apresentadas duas bolas feitas com a mesma quantidade de massa, uma vermelha e uma azul.

Algumas ações foram realizadas, tais como: divisão da bola vermelha em pequenos pedaços, transformada em um rolinho e amassada em formato de pizza, sempre tendo sua massa comparada à bola azul. Observou-se que a cor forte do vermelho chamou muito a atenção da aprendente, por ser uma cor quente, e fez com que errasse o volume de massa em quase todas as comparações.

Na prova de inclusão de classes, foram apresentadas sete flores acrílicas lilás, e três vermelhas. A aluna reconheceu as flores e as cores com facilidade, mas não associou bem as quantidades. Na prova de seriação, utilizou-se palitos de picolé. Quando foram apresentados apenas três palitos, rapidamente a ação foi feita, associando os tamanhos visualmente. Quando todos os palitos foram apresentados para serem ordenados de forma crescente, a atenção foi desviada por diversas vezes, sendo a atividade realizada aleatoriamente.

Na conservação de comprimento, foram apresentados dois pedaços de barbante para saber qual dos dois apresentava o maior tamanho. De início, ela acertou, mas quando o barbante maior foi modificado em seu tamanho para parecer menor que o outro pedaço, acabou se confundindo. Constatou-se que sua memória de trabalho é frágil. As provas indicaram que a

fragilidade da memória, da busca de estratégias e da concentração, acaba por impedir Flor de Lótus de ter sucesso em processos relacionados à leitura e escrita.

Na **quarta sessão**, foi aplicado o IAR - Instrumento de Avaliação do Repertório Básico de Alfabetização. Foi orientado que a criança utilizasse apenas o lápis para escrita e de três lápis de colorir: amarelo, vermelho e verde, conforme orientação do instrumental. De início, ela dominou bem as tarefas, que analisavam o esquema corporal, a lateralidade (apresentou uma pequena dificuldade, mas acertou alguns); porém, na parte que se refere à posição embaixo, ao lado, dentro, em cima, demonstrou não ter domínio, errando todos os comandos.

Na análise de direção, espaço, tamanho, quantidade e forma, acertou a maioria das atividades, apresentando problemas apenas em relação a quantidades. Durante a discriminação visual, apresentou grande dificuldade errando a maioria dos comandos, visto possuir grande lacuna na alfabetização. Com isso, passou a adotar um comportamento de relutância, mudando o foco da atividade para outros pontos da sala e querendo mexer nas coisas perto de si.

Na **quinta sessão**, foram aplicadas as últimas atividades do IAR, em que se avaliou a discriminação auditiva, a verbalização de palavras, o poder de análise/síntese e a coordenação motora. No que concerne à discriminação auditiva, não houve reconhecimento favorável em relação à identificação das figuras que começam com a mesma sílaba, que começam com o mesmo som e daquelas que terminam com o mesmo som.

Quanto à verbalização, não houve domínio do reconhecimento das letras e da questão fonética. Os estagiários, percebendo o não reconhecimento das letras e palavras, passaram a verbalizar cada uma delas e, mesmo assim, ainda foi difícil para a criança repetir. No domínio da análise/síntese, não conseguiu reconhecer todos os modelos, especialmente aqueles com letras e palavras. Não conseguiu completar o que faltava nas palavras de acordo com o modelo, escrevendo de forma aleatória.

Na atividade que pedia para pronunciar as palavras, dividindo-as em sílabas, mesmo com os estagiários reforçando a pronúncia, não conseguiu dividi-las corretamente. Na atividade de coordenação motora, não usou nenhuma estratégia, apresentou dificuldades para cobrir e repetir o padrão solicitado, tendo pouco domínio da dimensão da folha e dos movimentos solicitados.

Na **sexta sessão**, foi feita a análise do TEA - Transtorno do Espectro Autismo, em que foram avaliados os requisitos de desenvolvimento de habilidades comunicativas, sociais, emocionais e funcionais. Para analisar o comportamento da criança, foi feito o teste sobre o contato visual que consistiu em chamar a aluna pelo nome enquanto fazia uma atividade, para

ver se direcionava o olhar para o locutor e voltava a executar a atividade. Na comunicação alternativa, sempre que era apresentado um objeto, já queria pegá-lo sem esperar o comando.

No âmbito afetivo, não demonstrou carinho, nem se propunha a abraçar. Na linguagem expressiva e receptiva, pronunciou as palavras desejadas, mas não apresentou uma clara projeção da fala. Cantou músicas conhecidas quando solicitada e apresentou gosto por cores vivas. No desenvolvimento das atividades, apresentou expressões faciais tentando demonstrar o que sentia, imitou comportamentos simples como bater palmas.

Ao brincar, percebeu-se que não gosta de mudar de local com outra pessoa para continuar com a interação, preferiu sempre a mesma cadeira, com a mesma cor; mostrou muita dificuldade de interação, apresentando choro involuntário em alguns momentos.

Na **sétima sessão**, utilizou-se um tabuleiro com três carrinhos e um dado lúdico. O tabuleiro foi personalizado com desenhos da aprendente e de seu animal preferido, para tornar o momento mais atraente. O objetivo era chegar até a linha de chegada. O foco estava no controle inibitório, na leitura dos números, na contagem somatória e progressiva e na capacidade de compreensão. A menina demonstrou grande dificuldade no reconhecimento e leitura dos números e na somatória. Não conseguia compreender a proposta do jogo.

### 4.3 Dislexia do Introspecto: estratégias de intervenção

As análises que seguem, partem das informações apresentadas no quadro analítico 02, abaixo exposto.

**QUADRO ANALÍTICO 02**  
**- SESSÕES DE NEUROPSICOPEDAGOGIA CLÍNICA - INTERVENÇÃO -**

| CONTEXTO FAMILIAR |   | NOME   | IDADE  |
|-------------------|---|--|--|
| APRENDENTE        |   | Flor de Lótus  | 7 anos   |
| MÃE               |   | Flor de Lis  | 31 anos  |
| PAI               |   | Mandacaru  | 31 anos  |
| Sessão            | Atividade de Intervenção (material concreto)  | Exercícios voltados para a dislexia e interação  | Dificuldades e Progressos  |
| 1ª                | -Alfabeto escrito em caixa alta<br>-Lata surpresa - alfabeto móvel com tampinhas de garrafa pet<br>-Desenho livre | - reconhecimento e leitura das letras do alfabeto<br>- interação e exercício da linguagem através do jogo<br>- Desenho livre | - reconheceu poucas letras e não sabe lê-las (a maioria delas)<br>- muito reclusa e de poucas palavras. Mas, desde as sessões de avaliação já vinha se expressando através de frases simples e |

|    |   |   |  |
|----|---|---|--|
|    |   |   | curtas   |
| 2ª | <ul style="list-style-type: none"> <li>-Alfabeto escrito em caixa alta</li> <li>-Lata surpresa - alfabeto móvel com tampinhas de garrafa pet</li> <li>-Reprodução gráfica das letras</li> <li>-Uso de massa de modelar</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- reconhecimento e leitura das letras do alfabeto</li> <li>- interação e exercício da linguagem através do jogo</li> <li>- grafia das letras</li> <li>- confecção livre de figuras do cotidiano</li> </ul>                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- apresentou progresso no reconhecimento e leitura das letras comparado à última sessão</li> <li>- apresentou problemas fonarticulatórios</li> <li>- apresentou avanço na grafia e confiança na tarefa</li> <li>- procurou estabelecer um contato mais verbalizado com os estagiários, contando sobre sua semana, mas de forma pouco audível e articulatória</li> </ul> |
| 3ª | <ul style="list-style-type: none"> <li>-Alfabeto escrito em caixa alta</li> <li>-Lata surpresa - alfabeto móvel com tampinhas de garrafa pet</li> <li>-Reprodução gráfica das letras</li> <li>-Desenho livre</li> </ul>           | <ul style="list-style-type: none"> <li>- reconhecimento e leitura das letras do alfabeto</li> <li>- interação e exercício da linguagem através do jogo</li> <li>- grafia das letras</li> <li>- Desenho livre</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- apresentou avanço nas atividades, tanto no reconhecimento e leitura das letras como na escrita</li> <li>- continua com a comunicação muito simplista, com uso de palavras mal pronunciadas e articuladas</li> </ul>   |
| 4ª | <ul style="list-style-type: none"> <li>-Cards de animais</li> <li>-Boneco: Super Alfabeto</li> <li>-Desenho livre</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- reconhecer o nome e o animal a partir da primeira letra da palavra</li> <li>- reconhecer as letras do alfabeto sobrepondo o "band aid" no ferimento do boneco com a letra correspondente</li> <li>- Desenho livre</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- apresentou pouca dificuldade na realização das tarefas propostas</li> <li>- mostrou-se mais interativa usando frases longas, contando histórias, mas ainda com dificuldades articulatórias.</li> </ul>  |

Fonte: própria.

Como exposto no quadro analítico 02, que analisa o momento de intervenção, na primeira sessão, deu-se início a atividades partindo das observações feitas nas sessões de avaliação, em que foi diagnosticada a hipótese de dislexia e introspecção na aprendente. A princípio, foi solicitada a leitura do alfabeto, escrito em letras caixa alta. Em seguida, dentro de uma lata surpresa, foram depositadas as letras do alfabeto coladas em tampinhas de garrafa. Ela tinha que tirar uma tampinha por vez para fazer a leitura, procurar a letra no papel e pintá-la.

Ao perceber que a aluna começou a demonstrar desinteresse, os estagiários mudaram de estratégia. Cada pessoa tirava uma letra, lia e dizia uma palavra que começava com a letra escolhida. Depois, todos repetiam a letra e a palavra. Em sequência, a tampa era sobreposta na mesma letra do papel (A sobre A, B sobre B). Após isso, foi entregue um outro papel para que



se escrevesse a vogal que estava faltando no início das palavras. Cada palavra estava acompanhada do desenho do objeto que representava.

A criança reconheceu os objetos com facilidade, mas apresentou grande dificuldade em escrever as letras que estavam faltando, bem como reconhecer os sons das vogais. Desse modo, percebeu-se a necessidade de concentrar a intervenção no reconhecimento das letras do alfabeto durante as próximas sessões.

Na **segunda sessão de intervenção**, foram reaplicadas as tarefas trabalhadas na sessão passada. O processo foi, basicamente, o mesmo: retirar as letras da lata e sobrepô-las na cartela do alfabeto sobre a mesa. Nessa segunda tentativa, a aprendente já apresentou um pouco mais de intimidade com as letras, organizando-as de forma correta. Após esse momento, foi pedido que a aluna fizesse todo o percurso sozinha, sem ajuda. Percebeu-se que ela ainda se distraiu, mas que conseguiu fazer a atividade.

Em seguida, o estagiário A pegou as letras: M, A, R, I - e uma folha de papel em branco, na qual escreveu cinco traços. Perguntou se a menina reconhecia aquelas letras. Ela leu algumas. O estagiário reforçou que aquelas eram as letras de seu nome e pediu que as reproduzisse sobre a linha tracejada no papel e repetiu a ação. O fez com facilidade. Então, fez cinco novos traços e pediu que ela escrevesse, dessa vez, sem copiar. Ela executou, sem erro. Notou-se que o trabalho repetitivo com as letras, todavia contextualizado, é inibidor de mudança na aprendizagem do sistema alfabético de escrita.

Na **terceira sessão de intervenção**, foi solicitado que a criança realizasse a atividade de retirar as letras da lata e localizá-las no tabuleiro, sozinha. Ficou nítida sua grande dificuldade para concluir a atividade. Em seguida, foram retiradas da lata as letras M-A-R-I-L-C-E, e em um papel branco foram feitos pequenos traços para que ela escrevesse em cada um deles para formar seu nome, como feito na sessão anterior. Apesar das dificuldades, notou-se uma melhora no reconhecimento do som e na escrita das letras.

Na **quarta sessão de intervenção**, os estagiários aplicaram atividades de reconhecimento das letras do alfabeto, utilizando cartões com animais para que se identificasse a letra do início dos nomes a partir do som. Em seguida, o estagiário A apresentou o “Boneco Super Alfabeto”, um super herói que tinha as letras do alfabeto pregadas em várias partes de seu corpo, representando machucados. Para ele voltar a ficar bem, deveria ter “*band aids*” aplicados sobre as letras em seu corpo (machucados). Cada “*band aid*” tinha uma letra do alfabeto e a criança deveria reconhecê-las e sobrepô-las com o objetivo de formar pares.

Todas as atividades foram realizadas com maior fluência, mas, para que o sistema alfabético pudesse ficar bem alicerçado, ainda tinha muito trabalho a ser feito, tanto de alfabetização quanto de letramento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma visão realista de sociedade, em que família e escola ainda perduram com ações excludentes para com crianças com transtornos de aprendizagem, esta investigação se propôs a discutir a dislexia e a introspecção, respondendo à seguinte indagação: Quais práticas neuropsicopedagógicas clínicas auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem da leitura, do processo motor da escrita e da interação social de uma criança disléxica de sete anos?, nascida do objetivo geral: Compreender como as práticas neuropsicopedagógicas clínicas auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem da leitura, do processo motor da escrita e da interação social de uma criança disléxica de sete anos.

A relevância do tema, Dislexia do introspecto, se dá pelo fato de se promover uma discussão mais aprofundada sobre a integração dos aprendentes disléxicos nos processos socioeducativos e familiares a partir do trabalho, em especial, do neuropsicopedagogo, concomitante com outros profissionais que objetivam diminuir os estragos desse transtorno na vida comunicacional e de aceitação pessoal desses sujeitos. Desse modo, a discussão contribui com a sociedade e abre espaço para outras discussões que se ramificam a partir dos resultados coletados.

No contexto das hipóteses levantadas e testadas, a partir dos objetivos específicos que embasaram o objetivo geral supracitado, identificou-se que a dislexia está relacionada a dificuldades de aprendizagem, o que faz do acompanhamento neuropsicopedagógico especializado pivô fundamental para a superação dos problemas que levam ao fracasso escolar; que ela contribui fortemente para a amplificação dos déficits de atenção, do pensamento, da fala, da escrita e da leitura e só pode ser tratada após diagnóstico que envolva o posicionamento de diversos profissionais.

Diagnosticou-se, também, que a Neuropsicopedagogia Clínica contribui no tratamento dessas crianças, atuando nos seus efeitos na área da leitura, no processo motor da escrita e na sua interação social e que, os instrumentos neuropsicopedagógicos e os jogos educativos são eficazes na avaliação e intervenção clínica de crianças disléxicas, promovendo um diagnóstico mais acertado, bem como avanços na oralidade, escrita e interação desses aprendentes, como se viu nos processos avaliativos e interventivos da aluna Flor de Lótus.

Mesmo assim, devido às poucas sessões de intervenção facilitadas pelos estagiários, não foi possível perceber muitos dos avanços promissores das ações com material concreto para a melhoria da alfabetização e letramento, bem como da interação social da aprendente. O que fica como proposta de extensão para investigações futuras.

No que cerne à pergunta da investigação, percebeu-se que as atividades propostas pelos estagiários, tais como alfabeto móvel, lata surpresa, boneco super alfabeto, dentre outras atividades concretas que permearam o caminho da leitura, da escrita e da liberdade de expressão, como o desenho livre, o trabalho com massa de modelar, as músicas e os brinquedos, se configuram como práticas neuropsicopedagógicas clínicas que auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem da leitura, do processo motor da escrita e da interação social de crianças disléxicas, em específico, pela evolução da aluna investigada, o que torna realizado o que se propôs no objetivo geral desta pesquisa,

Portanto, ressalta-se que esse estudo exige um maior aprofundamento, visto que, por sua perspectiva abrangente, pode ser analisado em muitas outras especificidades podendo suscitar novas pesquisas com contribuições significativas para a comunidade científica e sociedade.

## 5 REFERÊNCIAS

ABD. Associação Brasileira de Dislexia. **O que é dislexia**. Disponível em: <<https://www.dislexia.org.br/>>. Acesso em: 03 fev. 2023.

ANDRADE, T. O. **A contribuição da psicomotricidade na aprendizagem da escrita. Cadernos da Pedagogia**. v. 13, p. 80-90, jul/set, 2019. Disponível em: <<https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/vi>>. Acesso em: 06 fev. 2023.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CAPELLINI, S. A. et al. **Desempenho ortográfico em consciência fonológica, nomeação rápida, leitura e escrita**. Pró-Fono Revista de Atualização Científica, v. 22, n. 3, p. 239-244, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pfono/a/8v3B9P6d7htQ9B8NRtyNbLc>>. Acesso em: 05 fev. 2023.

CAPELLINI, S. A.; MARTINS, M. A.; FADINI, C. C.; REFUNDINI, D. de C.; FUKUDA, M. T. M. Eficácia do programa de treinamento fonológico, correspondência fonema-grafema e treinamento fonológico associado à correspondência grafema-fonema em escolares de risco para dislexia. *In* ALVES, L. M.; MOUSINHO, R.; CAPELLINI, S. A. **Dislexia: novos temas, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: WAK, p. 167-193, 2011.

COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. **Neurociência e Educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DAEHENE, S. **Os neurônios da leitura:** como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização.** 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem:** as últimas conferências de Luria. Tradução: Diana Myriam Lichtenstein. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MACIEL, L. S. B.; NETO, A. S. **A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 465-476, set/dez, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/7bgbrBdvs3tHHHFg36c6Z9B>>. Acesso em: 06 fev. 2023.

MEDINA, G. B. K.; GUIMARÃES, S. R. K. **Leitura de Estudantes com Dislexia do Desenvolvimento:** impactos de uma intervenção com método fônico associado à estimulação de funções executivas. Rev. Bras., ed. Esp., Bauru, v. 25, n. 1, p. 155-174, jan-mar, 2019. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Leitura-de-Estudantes-com...>>. Acesso em: 05 fev. 2023.

MONTESSORI, M. **Pedagogia Científica:** A descoberta da criança. São Paulo: Flamboyant, 1965.

ORTIZ, K. Z. et al (org.). **Avaliação Neuropsicológica:** panorama interdisciplinar dos estudos na normalização e validação de instrumentos no Brasil. São Paulo: Vetor, 2018.

PEREIRA, M. D.; SILVA, J. P. da. **Dislexia e Educação infantil inclusiva: reflexões acerca do desenvolvimento das competências socioemocionais.** Revista Humanidade e Inovação. Palmas - TO, v. 9, n. 12, p. 141-157, 2022. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/profile/Mara-Pereira-4/publication...>>. Acesso em: 06 fev. 2023.

PIAGET, J. **A construção do real na criança.** São Paulo: Ática, 1996.

RELVAS, M. P. **Neurociências e transtornos de aprendizagem:** as múltiplas eficiências de uma educação inclusiva. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

ROCHA, L. A. A.; AMORIM, M. V. M.; ROCHA, C. A. Q. C. **Dislexia e Bullying: ação dos professores para evitar a rejeição por alunos disléxicos em sala de aula.** Caderno Científico Fagoc Graduação e Pós-Graduação. volume II, p. 44-53, 2017. Disponível em: <<https://revista.unifagoc.edu.br/index.php/caderno/article/view/391>>. Acesso em: 06 fev. 2023.

ROTTA, N. T.; PEDROSO, F. S. Avaliação e manejo neuropsicopedagógico na dislexia do desenvolvimento. In ROTTA, R. S.; OHLWEILER, N. T.; RIESGO, L. **Transtorno da Aprendizagem:** abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, p. 148-161, 2016.

RUSSO, R. M. T. **Neuropsicopedagogia clínica:** introdução, conceitos, teoria e prática - Curitiba: Juruá, 2020.

SAMPIERI, R. H.; COLADO, C. F. LUCIO, M. P. B. **Metodologia da pesquisa.** 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SBNPp. Sociedade Brasileira de Neuropsicopedagogia. **Código de ética**. Disponível em: <<http://www.sbnpp.com.br/>>. Acesso em: 02 fev. 2023.

SIGNOR, R. **Dislexia: uma análise histórica e social**. RBLA: Belo Horizonte. v. 15, n. 4, p. 971-999, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/MMgbKBpSWSsQcDnh8sYxBrB/?format=html>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

SIGNOR, R. **O sentido do diagnóstico de TDAH para a constituição do sujeito aprendiz**. Tese (Doutorado em Linguística). 359 f. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122807>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

SILVA, R. M. **Dislexia na Aprendizagem**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 3, ed. 07, vol. 05, p. 107-138, julho de 2018. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/dislexia-n>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

SILVEIRA, R. da. **O que faz um Neuropsicopedagogo?** Cadernos de Estudos e Pesquisas da Educação Básica. Recife, v.5, p. 1-19, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernoscap/article/view/241281>>. Acesso em: 03 fev. 2023.

SOARES, M. B. **Letramento: um tempo em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

STEINER, R. **A prática pedagógica**. São Paulo: Antroposófica, 2000.

TAVARES, H.V. **Apoio Pedagógico às crianças com necessidades educacionais especiais: dislexia e TDAH**. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação em Distúrbios da Aprendizagem pela Faculdade de Medicina do ABC. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://blog.psiqueasy.com.br/wp-content/uploads/2018/03/>>. Acesso em: 03 fev. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALDA, S. A.; VAN WEERDENBURG, M.; WIJNANTS, M. L.; BOSMAN, A. M. **Progress in reading and spelling of dyslexic children is not affected by executive functioning**. Research in Developmental Disabilities, 2014.